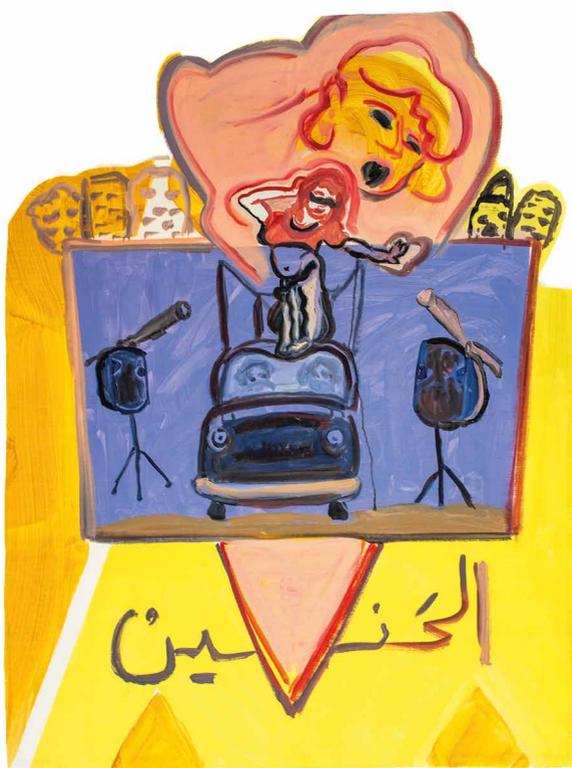


MOUNIRA AL SOLH

Y'a Hamam Yalla Ma Tnam,
Ma Tnam



Capa Cover: Sem título Untitled, 2024. Acrílico, carvão e óleo sobre tela, montado em madeira
Acrylic, charcoal, and oil on canvas, mounted on wood. Cortesia da artista e de Courtesy of the artist and
Sfeir-Semler Gallery Beirut/Hamburg

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

A exposição é organizada pela Fundação de Serralves — Museu de Arte Contemporânea, comissariada por João Mourão e Luís Silva e com coordenação de Giovana Gabriel.

A exposição contou com o apoio de Mondriaan Fund.

The exhibition is organized by the Fundação de Serralves — Museum of Contemporary Art, curated by João Mourão and Luís Silva and coordinated by Giovana Gabriel.

The exhibition was supported by Mondriaan Fund.

AGRADECIMENTOS ACKNOWLEDGEMENTS

Para *Nami Nami Noooooom, Yalla Tnaaam*, Mounira Al Solh começou por costurar os seus próprios pijamas, juntamente com os pijamas que a sua filha tinha deixado de usar. Num segundo momento, a artista convidou grupos de mulheres a bordar com ela e a partilhar o processo, promovendo ligações mais profundas e trocas de histórias relacionadas com a guerra, o medo e a maternidade. Al Solh gostaria, assim, de exprimir a sua gratidão a todas as mãos que participaram no processo. Além de incorporar os seus próprios pijamas e roupas reaproveitadas, algumas das mulheres que participaram também escolheram contribuir com os seus próprios pijamas: Shamia Ali Saleh, Chopi Attah, Soheila Attardimaj, Mhired Beyene, Hamere Dajene, Asma Ibrahim, Hagush Kbreab, Ria Lammers, Jihan Manla Mohammad, Saleha Rahem, Niaz Rashid, Dorine Ruter, Fartoon Shaban, Selam Welday e Wijkcentrum Waterkracht, Zutphen; Esra Altmiş, Nihâl Altmiş, Yıldız Çimen, Hatıçe Doğaner Atay, Zeliha Gigi, Kamila Hakimi, Qammar Kakar, Arifa Khalil, Mürvet Kösen, Shakila Mohammadi, Sabera Pijwand, Aysel Yazici e Stichting Ik Wil, Eindhoven. A artista gostaria também de agradecer a todas as crianças que contribuíram para a paisagem sonora da instalação com canções de embalar cantadas para as suas mães: Samira, Jameel & Loubna Farhan, Sadé Peter, Ava & Leah Kat, Carminho Páscoa, Francisco Duarte, Maria Amaral e às crianças da Escola de Miranda do Douro, Rodrigo Carçã, Gonçalo Marcos, Clara Martins, Martim Alves e Paulo Meirinhos.

For *Nami Nami Noooooom, Yalla Tnaaam*, the artist began by stitching her own pyjamas along with those that her daughter had outgrown. At a later stage, she invited groups of women to co-embroider and share the process, fostering deeper connections and exchanges of their stories related to war, fear, and motherhood.

She would therefore like to express her gratitude to all the hands that took part in the process. In addition to incorporating her own pyjamas and repurposed garments she found, some of the women who participated also chose to contribute their own pyjamas: Shamia Ali Saleh, Chopi Attah, Soheila Attardimaj, Mhired Beyene, Hamere Dajene, Asma Ibrahim, Hagush Kbreab, Ria Lammers, Jihan Manla Mohammad, Saleha Rahem, Niaz Rashid, Dorine Ruter, Fartoon Shaban, Selam Welday and Wijkcentrum Waterkracht, Zutphen; Esra Altmiş, Nihâl Altmiş, Yıldız Çimen, Hatice Doğaner Atay, Zeliha Gigi, Kamila Hakimi, Qammar Kakar, Arifa Khalil, Mürvet Kösen, Shakila Mohammadi, Sabera Pijwand, Aysel Yazici, and Stichting Ik Wil, Eindhoven.

The artist would also like to thank all the children who contributed lullabies sung to their parents for the soundscape of the installation: Samira, Jameel & Loubna Farhan, Sadé Peter, Ava & Leah Kat, Carminho Páscoa, Francisco Duarte, Maria Amaral and the children from Escola de Miranda do Douro, Rodrigo Carção, Gonçalo Marcos, Clara Martins, Martim Alves, and Paulo Meirinhos.

MOUNIRA AL SOLH

Y'a Hamam Yalla Ma Tnam, Ma Tnam
[Ó Pombo, Não Durmas, Não Durmas]

Mounira Al Solh nasceu em Beirute em 1978 e, atualmente, vive entre Beirute e Amsterdão. A sua prática artística abrange vídeo, instalação, pintura, desenho, têxteis, texto e performance, explorando paisagens sociais e políticas complexas em torno de temas feministas, narrativas micro-históricas e os efeitos do conflito e da migração. A abordagem de Al Solh conjuga a intervenção social com uma combinação singular de crítica política e escapismo poético. Em vez de adotar um estilo documental, as suas obras tendem para o ficcional e, por vezes, o fantástico, recorrendo a histórias orais, colaborações interdisciplinares e jogos de linguagem para explorar histórias íntimas, especialmente as de mulheres. Motivada pela partilha e pelo ato de contar histórias, por gestos de mudança e resistência, Al Solh cria uma linguagem sensorial que transcende a nacionalidade e o credo.

Intitulada *Y'a Hamam Yalla Ma Tnam, Ma Tnam* [Ó Pombo, Não Durmas, Não Durmas], o oposto do verso de uma canção de embalar muito popular no Líbano e na Síria, a exposição reúne obras que nunca foram apresentadas em conjunto, criando uma narrativa singular que explora o forte interesse de Al Solh pela subjetividade pessoal e a agência política. O eixo central da exposição reside em *Nami Nami Noooom, Yalla Tnaaam* [Dorme, Dorme, Dorme, Vamos Dormir], de 2023, uma poderosa instalação de grande escala que alicerça o fluxo emocional e narrativo da exposição. Trata-se de uma obra

profundamente pessoal, inspirada na infância de Al Solh durante a Guerra Civil Libanesa, um conflito devastador que teve lugar entre 1975 e 1990, marcado por violência sectária, intervenções estrangeiras e deslocações em massa, deixando um impacto duradouro na memória coletiva da nação. Em criança, quando passava noites sem dormir devido ao barulho incessante das bombas que caíam pela cidade, a sua mãe permitia-lhe fazer pequenos rasgos no pijama e voltar a cosê-los — um gesto simples de concentração que se transformou num ritual reconfortante que a ajudava a adormecer.

Esta prática meditativa tornou-se um refúgio que lhe permitia encontrar breves momentos de paz no meio do caos da guerra. Após a explosão no porto de Beirute em 2020, Al Solh revisitou esta prática de infância, agora em colaboração com um grupo de mulheres libanesas e holandesas, incluindo migrantes, que participaram no corte e costura das suas próprias roupas de dormir enquanto partilhavam histórias de migração, resiliência e solidariedade. Os pijamas, cada um com sinais de uso e costuras intrincadas em torno dos buracos, estão pendurados em estendais que atravessam o espaço expositivo, e onde a iluminação suave e as ventoinhas criam uma atmosfera que evoca a fragilidade e a resiliência. *Nami Nami Noooom, Yalla Tnaaam* inclui também um elemento sonoro que tem por base gravações de músicas de embalar cantadas pelos filhos de algumas das colaboradoras neste projeto nas suas diversas línguas maternas, incluindo árabe e neerlandês. Esta inversão de quem canta canções de embalar a quem

é, de um modo simbólico, uma forma de as crianças oferecerem algum conforto aos adultos em momentos difíceis. Para a exposição de Serralves, esta paisagem sonora incluirá canções de embalar cantadas por crianças do Porto, ligando experiências locais e globais de conforto, memória e resistência à adversidade.

A acompanhar a instalação, Al Solh apresenta uma nova série de pinturas que revisitam intimamente a sua experiência de ter crescido durante a dura realidade da guerra. Estas obras expandem a investigação comovente da artista em torno da resiliência, da perda e da intrincada relação entre memória e sobrevivência, imbuídas de um humor negro que espelha a forma libanesa de enfrentar as adversidades. Em *Al Hanin* [Nostalgia], de 2024, a artista recria de forma vívida uma mulher a dançar em cima de uma carrinha Volkswagen no meio de uma Beirute devastada pela guerra — um ato audacioso de desafio tanto contra o patriarcado como contra as milícias que dominavam as ruas na altura. Em contraste, *Head Between Tanks* [Cabeça entre tanques], de 2024, utiliza uma poderosa metáfora visual para ilustrar o esmagador impacto psicológico da guerra — uma mente humana presa e esmagada sob a imensa pressão da maquinaria militar. Os dois tanques não só evocam as memórias de Al Solh da Beirute dos anos 80, como também refletem os conflitos contínuos que afetam a região. Esta peça capta não só as lutas pessoais da artista, mas também o trauma partilhado por tantos outros que enfrentaram crises semelhantes.

A exposição inclui também *Lackadaisical Sunset to Sunset* [Apatia de pôr do sol

a pôr do sol], de 2021, uma instalação multimédia que assume a forma de um guarda-sol bordado, criando um ambiente semelhante ao de uma tenda. Todas as instalações com tendas, pelas quais Al Solh se tornou conhecida, são, independentemente do tema, uma metáfora para um santuário — uma fuga temporária do mundo exterior e um recetáculo de histórias pessoais. Sobre uma mesa baixa, no interior da tenda exibida em Serralves, encontramos vários lenços bordados com as palavras árabes para as diferentes horas do dia, refletindo a passagem lenta, mas inexorável do tempo. Os visitantes também encontrarão um vídeo de Al Solh a acariciar delicadamente o próprio cabelo — um gesto que recorda a rotina reconfortante que outrora partilhava com a sua filha pequena que, ao crescer, abandonou esse ritual. Agora, Al Solh realiza-o sozinha, a si mesma, num ato reflexivo que simboliza a continuidade do cuidado e da introspeção, mesmo na ausência de outros. Este gesto íntimo, tal como grande parte do seu trabalho, transforma ações quotidianas em poderosas e meditativas expressões de resiliência e memória.

Num dos pijamas pendurados, será projetada uma nova animação — encomendada especificamente para *Y'a Hamam Yalla Ma Tnam, Ma Tnam* —, enriquecendo este conjunto de obras. No seu estilo figurativo característico, definido por gestos dinâmicos e cores vibrantes, ao qual se junta som e voz, a animação retrata uma mulher sem roupa, com uma mala, que foge em direção ao mar, escapando por pouco às bombas lançadas por dois aviões de guerra. Este trabalho explora questões relacionadas

com o trauma e a superação, recorrendo ao mito e a autoficção para examinar as experiências de deslocamento forçado e migração, temas que se tornaram centrais na prática recente da artista.

Os conflitos que se prolongam no Médio Oriente intensificaram-se recentemente, transformando-se numa enorme tragédia humana e abrindo uma ferida que atravessa gerações e afeta milhões de vidas. Este ciclo incessante de violência tem provocado perdas inimagináveis, ceifando inúmeras vidas, separando famílias e levando comunidades inteiras a viver sob a constante sombra do medo e do sofrimento. Por entre as ruínas, as pessoas enfrentam traumas profundos que continuarão a afetar gerações futuras. Profundamente afetada por estes conflitos, Mounira Al Solh canaliza as suas experiências através da arte, convidando a refletir sobre a necessidade de paz, empatia e um compromisso com a justiça que honre os direitos e a dignidade de todos os envolvidos. Através do seu trabalho, Al Solh junta-se ao apelo urgente para acabar com o sofrimento e promover um futuro alicerçado no respeito e na humanidade partilhada.

João Mourão e Luís Silva

SOBRE OS CURADORES

João Mourão e Luís Silva trabalham como dupla curatorial desde 2009. São Co-Diretores da Kunsthalle Lissabon, que fundaram juntos no mesmo ano. Foram os curadores do Pavilhão de Portugal na 59.^a Bienal de Veneza (2022) com *Vampires in Space*, um projeto individual de Isadora Neves Marques. Uma seleção de projetos recentes que curaram inclui exposições individuais de Jonathas de Andrade (CRAC Alsace, Altkirsch, França e MAAT, Lisboa, Portugal), Manuel Solano (Pivô, São Paulo, Brasil), Pedro Barateiro (Fundação Carmona e Costa, Lisboa, Portugal) e Carla Filipe (MAAT, Lisboa, Portugal). Atualmente, estão a preparar a primeira grande exposição institucional de Inês Zenha no CA2M, em Madrid. Enquanto co-diretores da Kunsthalle Lissabon, apresentaram exposições individuais de Teresa Solar, La Chola Poblete, Sara Sadik, Gabriel Chaile, Sheroanawe Hakihiiwe, Ad Minoliti, Zheng Bo, Laure Prouvost, Caroline Mesquita, Sol Calero, Petrit Halilaj e Naufus Ramírez-Figueroa, entre outros. Além da sua prática curatorial, João Mourão e Luís Silva contribuem regularmente para diversas publicações periódicas e editaram várias monografias. Foram também curadores da ZONA MACO SUR (2015-2017), a secção de projetos individuais da feira de arte contemporânea da Cidade do México, e da secção *Disegni* da Artissima (2017-2019), em Turim.

SOBRE A ARTISTA

Mounira Al Solh representou o Líbano na 60.^a Bienal de Veneza (2024) e inaugurará uma exposição a solo no Museu Bonnefanten, em Maastricht, em junho de 2025. Realizou exposições no BALTIC Centre for Contemporary Art, Gateshead, Reino Unido (2022); Mori Art Museum, Tóquio (2020); Jameel Arts Centre, Dubai (2018); Mathaf: Arab Museum of Modern Art, Doha (2018); e no The Art Institute Chicago (2018). Participou também em exposições coletivas, incluindo a Bienal de São Paulo (2024), Bienal de Sharjah (2023); Museum Het Valkhof, Nijmegen, Países Baixos (2022); Bienal de Busan (2022); ROZENSTRAAT, Amesterdão (2022); Musée National de Pablo Picasso – La Guerre et la Paix, Vallauris, França (2020); Palais de Tokyo, Paris (2020); Van Abbemuseum, Eindhoven (2020); Carré d'Art Musée d'art contemporain de Nîmes (2018); Documenta 14, Kassel e Atenas (2017); Bienal de Veneza (2015); New Museum Triennial, Nova Iorque (2012); Bienal de Sharjah 9 (2009); e 11.^a Bienal Internacional de Istambul (2009), entre outras. A artista venceu o Prémio de Arte ABN AMRO (2023); o Derek Williams Trust Artes Mundi Purchase Prize (2023), recebeu o Prémio Uriôt da Rijksakademie, Amesterdão (2007); e o Black Magic Woman Award, Amesterdão (2007). Foi também finalista do Prémio de Arte Abraaj Group, Dubai (2015) e nomeada para o Prémio Volkskrant, Amesterdão (2009). O seu vídeo *Rawane's Song* venceu o prémio do júri no Videobrasil (2007).



Nami nami noooom, yalla tnaaam, 2023. Pijamas bordados, som. Dimensões variáveis.
Vista de instalação *Nami Nami Noooom, Yalla Tnaaam*. The ABN Amro Art Award, HART Museum, Amsterdão. Foto: Gert Jan van Rooij. Cortesia da artista e Sfeir-Semler Gallery Beirut/Hamburg.

MOUNIRA AL SOLH

Y'a Hamam Yalla Ma Tnam, Ma Tnam
[Oh Pigeon, Don't Sleep, Don't Sleep]

Born in Beirut in 1978 and currently based between Beirut and Amsterdam, Mounira Al Solh's artistic practice spans video, installations, painting, drawing, textiles, text, and performance. The artist's work delves into complex social and political landscapes, focusing on feminist themes, micro-historical narratives, and the effects of conflict and migration. Al Solh's approach combines social engagement with a unique blend of political critique and poetic escapism. Rather than following a documentary style, her pieces lean into fictional and at times fantastical realms, using oral histories, interdisciplinary collaborations, and language play to explore intimate stories, especially those of women. Motivated by acts of sharing and storytelling, change and resistance, Al Solh creates a sensory language that transcends nationality and creed.

Entitled *Y'a Hamam Yalla Ma Tnam, Ma Tnam* [Oh Pigeon, Don't Sleep, Don't Sleep], the reversal of a line from a very popular lullaby in Lebanon and Syria, the exhibition brings together works that have never been shown all at once, creating a unique narrative that explores Al Solh's deep engagement with personal subjectivity and political agency. The central axis of the exhibition is provided by *Nami Nami Noooom, Yalla Tnaaam* [Sleep, Sleep, Sleep, Let's Sleep], 2023, a powerful, large-scale installation anchoring the show's emotional and narrative flow. This work is deeply personal, drawing from Al Solh's childhood during the

Lebanese Civil War, a devastating conflict that spanned from 1975 to 1990, marked by sectarian violence, foreign interventions, and widespread displacement, leaving a lasting impact on the nation's collective memory. As a child coping with sleepless nights amidst the relentless sound of bombs going off throughout the city, the artist's mother would allow her to poke holes in her pajamas and to stitch them back together — a small act of focus that turned into a soothing ritual, offering comfort and a path to sleep. This meditative practice became a lifeline, allowing her to find brief moments of peace amid the ongoing chaos of war. After the 2020 Beirut port explosion, Al Solh revisited this childhood practice, now alongside a group of Lebanese and Dutch women, including migrants, who joined in cutting and stitching their own nightwear while sharing stories of migration, resilience, and solidarity. The pyjamas, each bearing signs of wear and intricate stitching around the holes, are hung on clotheslines that intersect the museum space, with gentle lighting and fans to create an atmosphere that evokes fragility and resilience. *Nami Noooom, Yalla Tnaaam* also includes a sound element based on recordings of some of her collaborators' children, singing lullabies in their various mother tongues, including Arabic and Dutch. This reversal of who sings lullabies to whom functions as a symbolic way of children bringing some comfort to adults in their time of need. For the Serralves exhibition, this soundscape will feature lullabies from children in Porto, connecting local and global experiences of comfort, memory, and resistance to adversity.

Accompanying the installation, Al Solh presents a new series of paintings that intimately revisit her experiences of growing up amid the stark realities of war. These works extend the artist's moving examination of resilience, loss, and the intricate relationship between memory and survival, infused with a dark humour that mirrors the Lebanese approach to enduring hardship. In *Al Hanin* [Nostalgia], 2024, she vividly reimagines a woman dancing atop a Volkswagen van in the middle of a war-ravaged Beirut — a bold act of defiance against both patriarchy and the militias that dominated the streets at the time. In contrast, *Head Between Tanks*, 2024, uses a powerful visual metaphor to depict the crushing psychological impact of war — a human mind trapped and squeezed under the immense pressure of military machinery. The two tanks draw not only from Al Solh's memories of Beirut in the 1980s but also reflect the ongoing conflicts the region is going through. This piece captures not only the artist's personal struggles but also the shared trauma of countless others who have endured similar crises.

The exhibition also features *Lackadaisical Sunset to Sunset*, 2021, a multimedia installation in the form of an embroidered parasol structure creating a tent-like environment. Each of the artist's tent installations, which she has become known for, regardless of theme, serves as a metaphor for a sanctuary — a temporary escape from the outside world and a vessel for preserving personal histories. Inside the tent exhibited at Serralves, a low table displays handkerchiefs embroidered with the Arabic words for the different

hours of the day, reflecting the slow yet unyielding passage of time. Visitors will also find a video of Al Solh tenderly stroking her own hair — a gesture that recalls the comforting routine she once shared with her young daughter, who eventually outgrew this ritual. Now, in a reflective and solitary act, Al Solh performs it on herself, symbolizing the continuity of care and introspection even in the absence of others. This intimate gesture, like much of her work, transforms everyday actions into powerful, meditative expressions of resilience and memory.

Enhancing this collection of works, a new animation piece — commissioned specifically for *Y'a Hamam Yalla Ma Tnam, Ma Tnam* — will be projected onto one of the hanging pyjamas. Using her signature figurative style, defined by swift gestures and vibrant colours, alongside sound and voice, the animation portrays a naked woman with a suitcase fleeing toward the ocean, narrowly escaping bombs dropped by two warplanes. This work delves into themes of trauma and resilience, intertwining myth and self-fiction to examine the experiences of forced displacement and migration — subjects that have become pivotal to the artist's recent practice.

The Middle East's prolonged conflicts have escalated recently into a profound human tragedy, creating a wound that spans generations and disrupts millions of lives. This relentless cycle of violence has led to unimaginable losses, with countless lives ended, families torn apart, and entire communities living under the constant shadow of fear and

grief. Amid the ruins, people grapple with deep trauma that will continue to affect future generations. Mounira Al Solh, deeply impacted by these conflicts, channels her experiences through art, inviting reflection on the need for peace, empathy, and a commitment to justice that honours the rights and dignity of all involved. Through her work, she takes up the urgent call to end suffering and the resolve to foster a future rooted in respectfulness and shared humanity.

João Mourão and Luís Silva

ABOUT THE CURATORS

João Mourão and Luís Silva have been working as a curatorial duo since 2009. They serve as Co-Directors of Kunsthalle Lissabon, which they both founded in 2009. They were the curators of the Portugal Pavilion in the 59th Venice Biennale (2022) with *Vampires in Space*, a solo project by Isadora Neves Marques. A selection of recent projects they curated includes solo shows by Jonathas de Andrade (CRAC Alsace, Altkirsch, France and MAAT, Lisbon, Portugal), Manuel Solano (Pivô, São Paulo, Brasil), Pedro Barateiro (Fundação Carmona e Costa, Lisbon, Portugal) and Carla Filipe (MAAT, Lisbon, Portugal). They are currently preparing Inês Zenha's first large institutional exhibition at CA2M, in Madrid. While co-directors of Kunsthalle Lissabon they have presented solo shows by Teresa Solar, La Chola Poblete, Sara Sadik, Gabriel Chaile, Sheroanawe Hakihiiwe, Ad Minoliti, Zheng Bo, Laure Prouvost, Caroline Mesquita, Sol Calero, Petrit Halilaj and Naufus Ramírez-Figueroa, to name a few. Besides their curatorial practice João Mourão and Luís Silva contribute regularly to various periodical publications and have edited several monographs. They were the curators of ZONA MACO SUR (2015-2017), the solo projects section of Mexico City's contemporary art fair and Artissima's Disegni section (2017-2019), in Turin.

ABOUT THE ARTIST

Mounira Al Solh represented Lebanon at the 60th Venice Biennale (2024) and will have a solo exhibition at Museum Bonnefanten in Maastricht in June 2025; Mounira has had exhibitions at BALTIC Centre for Contemporary Art, Gateshead, UK (2022); Mori Art Museum, Tokyo (2020); Jameel Arts Centre, Dubai (2018); Mathaf: Arab Museum of Modern Art, Doha (2018); and The Art Institute Chicago (2018). Al Solh has also participated in group exhibitions including the São Paulo Biennial (2024), Sharjah Biennial (2023); Museum Het Valkhof, Nijmegen, the Netherlands (2022); Busan Biennale (2022); ROZENSTRAAT, Amsterdam (2022); Musée National de Pablo Picasso – La Guerre et la Paix, Vallauris, France (2020); Palais De Tokyo, Paris (2020); Van Abbemuseum, Eindhoven (2020); Carré d'Art Musée d'art contemporain de Nîmes (2018); Documenta 14, Kassel and Athens (2017); Venice Biennale (2015); New Museum Triennial, New York (2012); Sharjah Biennial 9 (2009); and 11th International Istanbul Biennial (2009), among others. The artist won the ABN AMRO Art Award (2023); The Derek Williams Trust Artes Mundi Purchase Prize (2023), received the Uriôt Prize from the Rijksakademie, Amsterdam (2007); and the Black Magic Woman Award, Amsterdam (2007). She was also shortlisted for the Abraaj Group Art Prize, Dubai (2015) and nominated for the Volkskrant Award, Amsterdam (2009). Her video *Rawane's Song* won the jury prize at Videobrasil (2007).



Nami nami noooom, yalla tnaaam, 2023. Embroidered pajamas, sound. Various dimensions.
Installation view *Nami Nami Noooom, Yalla Tnaaam*. The ABN Amro Art Award, HART Museum, Amsterdam, Netherlands. Photo: Gert Jan van Rooij. Courtesy of the artist and Sfeir-Semler Gallery Beirut/Hambur

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h – 13h e 14h30 – 17h)

Minimum two-week advance booking is required.

For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am – 1 pm and 2:30 pm – 5 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt

Tel. (linha direta direct line): 226 156 546

Tel: 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional. Calls to the national landline network.

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após a visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATION AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto — Portugal

serralves@serralves.pt

Linha geral General lines:

(+351) 808 200 543

(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede fixa nacional.

Calls to the national landline network.

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio Institucional
Institutional Support

Mecenas do Museu
Museum Sponsor

Apoio
Support

